

PATRIMÓNIO CULTURAL

ABSTRACTS

Fei Xiaotong's *Xiangtu Zhongguo, with an Introduction and Epilogue*. Berkeley: University of California Press, 1992.

Florida, Richard L. *The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*. New York, NY: Basic Books, 2002.

Gao, Yubing. 'The Pajama Game Closes in Shanghai'. *The New York Times* (2010). Published electronically May 16, 2010. http://www.nytimes.com/2010/05/17/opinion/17gao.html?_r=0.

Glaeser, Edward L. *Triumph of the City: How Our Greatest Invention Makes Us Richer, Smarter, Greener, Healthier, and Happier*. New York: Penguin Press, 2011.

Guan, Qian. 'Lilong Housing, a Traditional Settlement Form'. M.Arch Thesis, McGill University, 1996.

Hammond, Paul Harley. 'Community Eclipse and Shanghai's Lilong'. University of Missouri-Columbia, 2006.

Herzfeld, Michael. 'Heritage and the Right to the City: When Securing the Past Creates Insecurity in the Present'. *Heritage & Society* 8, no. 1 (2015): 3-23.

———. 'Spatial Clensing: Monumental Vacuity and the Idea of the West'. *Journal of Material Culture* 11, no. 1/2 (2006), pp. 127-149.

Jacobs, Jane. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Vintage Books, 1961.

Johnson, Linda Cooke. *Shanghai: From Market Town to Treaty Port, 1074-1858*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.

Larmer, Brook. 'Shanghai Dreams: China's Global City Tries to Recapture the Glories of Its Past—This Time on Its Own Terms'. *National Geographic*, 2010, pp. 124-141.

Li, Jie. *Shanghai Homes: Palimpsests of Private Life*. Columbia University Press, 2015.

Liang, Samuel Y. 'Where the Courtyard Meets the Street: Spatial Culture of the Li Neighborhoods, Shanghai, 1870-1900'. *Journal of the Society of Architectural Historians* 67, no. 4 (2008), pp. 482-503.

Lim, Louisa. 'Shanghai Architecture Reflects City's Many Faces'. *NPR News* (2006). Published electronically December 11, 2006. <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=6601115>.

Lu, Hanchao. 'Away from Nanking Road: Small Stores and Neighborhood Life in Modern Shanghai'. *Journal of Asian Studies* 54, no. 1 (1995), pp. 93-123.

Montgomery, Charles. *Happy City: Transforming Our Lives through Urban Design*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2013.

Morris, D. Louise. *Community or Commodity: A Study of Lilong Housing in Shanghai*. Vancouver: Centre for Human Settlements, School of Community and Regional Planning, University of British Columbia, 1994. M.A.Thesis, University of British Columbia. Centre for Human Settlements, Asian Urban Research Network.

Oldenburg, Ray. *The Great Good Place: Cafés, Coffee Shops, Community Centers, Beauty Parlors, General Stores, Bars, Hangouts, and How They Get You through the Day*. 1st ed. New York: Paragon House, 1989.

Peh, Chehui. 'Politicizing Heritage: The Intangibility of Shanghai's Shikumens'. National University of Singapore, 2014.

Pellow, Deborah. 'No Place to Live, No Place to Love: Coping in Shanghai'. In *Urban Anthropology in China*, edited by Gregory Eliyu Guldin and Aidan Southall. Leiden, the Netherlands: Brill, 1993, pp. 396-424.

Peng, Ruijue. 'Towards a New Housing Approach: Analysis of Settlement Environment and Housing Policy in Shanghai, China'. M.S. Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 1986.

Ren, Xuefei. 'Forward to the Past: Historical Preservation in Globalizing Shanghai'. *City & Community* 7, no. 1 (2008), pp. 23-43.

——— and Meng Sun. 'Artistic Urbanization: Creative Industries and Creative Control in Beijing'. *International Journal of Urban and Regional Research* 36, no. 3 (2012), pp. 504-521.

Rowe, Peter G. *Civic Realism*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.

——— and Seng Kuan. *Shanghai: Architecture and Urbanism for Modern China*. Munich; New York: Prestel, 2004.

Shao, Qin. *Shanghai Gone: Domicide and Defiance in a Chinese Megacity*. State & Society in East Asia Series. London: Rowman & Littlefield Publishers, 2013.

Shin, Hyun Bang. 'The Right to the City and Critical Reflections on China's Property Rights Activism'. *Antipode* (2013): n/a-n/a.

The Guardian Cities, and Sue Anne Tay. 'Blogger of the Week: Sue Anne Tay of Shanghai Street Stories: Sue Anne Tay in Shanghai'. *The Guardian* (2014). Published electronically April 7, 2014. <http://www.theguardian.com/cities/2014/apr/07/blogger-of-the-week-sue-anne-tay-of-shanghai-street-stories>.

Turkle, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2011.

White, Merry I. *Coffee Life in Japan*. California Studies in Food and Culture, Vol. 36, Berkeley: University of California Press, 2012.

Wirth, Louis. 'Urbanism as a Way of Life'. *American Journal of Sociology* 44, no. 1 (1938), pp. 1-24.

World Population Review. 'Shanghai Population 2015' (2014).

Wu, Fulong, and Shenjing He. 'Property-Led Redevelopment in Post-Reform China: A Case Study of Xintiandi Redevelopment Project in Shanghai'. *Journal of Urban Affairs* 27, no. 1 (2005).

Yager, Greg, and Scott Kilbourn. 'Lessons from Shanghai Xintiandi: China's Retail Success Story'. *Urban Land Asia*, 2004, pp. 34-37.

Yang, Jian. 'Shikumen Pledged Extra Protection after Readers Offer City Suggestions'. *Shanghai Daily*, August 25, 2014 2013, A4.

Yung, Esther Hiu Kwan, Edwin Hon Wan Chan, and Ying Xu. 'Sustainable Development and the Rehabilitation of a Historic Urban District—Social Sustainability in the Case of Tianzifang in Shanghai'. *Sustainable Development* 22, no. 2 (2014), pp. 95-112.

RESUMOS

Património de Macau: Um Estudo das Tradições e do ADN Cultural da Cidade

Macau, a cidade ocidental mais antiga na Ásia, reconhecida pela UNESCO como Património da Humanidade, foi uma cidade desenvolvida pelos Portugueses numa península vazia nos mares do Sul da China. Este estudo analisa os principais factores na evolução urbana de Macau, particularmente as tipologias portuguesas de edifícios, praças, ruas e ambientes que constituem parte do ADN cultural de Macau, que originaram a sua forte identidade cultural que sobreviveu por cinco séculos num ambiente predominante Chinês. Quais são os principais paradigmas, tipologias, códigos e tradições que construíram a cultura e a cidade ao longo dos séculos e quais os factores cruciais para a sua preservação futura, correcta interpretação e desenvolvimento futuro. A primeira parte desta pesquisa concentra-se em elementos históricos, como a formação da sociedade medieval portuguesa que se reflecte no carácter da cidade. A segunda parte analisa e identifica tipologias urbanas e arquitectónicas do património da cidade como elementos-chave para uma abordagem eficaz em projecto de reabilitação urbano-arquitectónica, necessária para proteger e manter vivas as heranças e tradições que lutam para sobreviver contra as muitas ameaças dos estilos da globalização, camuflados como autênticos ou intervenções minimalistas. São “minimalista” devido à falta de componentes da tradição local que formaram a língua vernácula. Como o conceito de autenticidade só pode ser ligado ao conceito de “autor” como entidade individual ou resultante da tradição colectiva, a identificação do estilo contemporâneo e internacional como “autêntico” só pode trazer desastre ao apagar a memória, tradição e cultura que construiu ao longo dos séculos a identidade cultural única da cidade, enraizada em tradições chinesas e portuguesas.

Este estudo também mostra as ameaças ao património cultural sino-português com a importação de novos paradigmas urbanos de altamente densa Hong Kong e dos casinos mega-shoppings de Las Vegas. [Autor: Francisco Vizeu Pinheiro, pp. 6-27]

A Arqueologia Urbana: Uma Abordagem para Macau

Durante a administração Portuguesa – em Coloane com a colaboração de entidades de Hong Kong, com o Projecto Global de Recuperação das Ruínas de São Paulo e resultante do Projecto do Museu de Macau na Fortaleza do Monte e sua ligação ao Colégio de São Paulo; depois de 1999, na RAEM, em Coloane e ainda na zona Nascente do Colégio de São Paulo. O desenvolvimento urbano da cidade, sua relação com a arqueologia e a pressão imobiliária. A necessidade de uma legislação preventiva, de salvaguarda e de valorização do património arqueológico. A criação de uma carta arqueológica num modelo adequado ao território, visando o registo e salvaguarda dos vestígios patrimoniais que testemunhem a ocupação humana, do passado à actualidade. Esse registo como forma de transmissão do legado cultural às gerações futuras, fundamental para a construção da memória comum, da identidade colectiva – da “Gente de Macau”. A transformação de Macau numa cidade destino de turismo cultural e não só sinónimo de jogo, devido ao seu legado patrimonial arqueológico, histórico e arquitectónico e de simbiose cultural e social únicas. A metodologia para a criação de uma carta arqueológica, desde a compilação das anteriores campanhas, passando pela aquisição de fontes ainda dispersas, até à criação de um zonamento e hierarquização de áreas de potencial arqueológico. A inevitável conclusão de que importa investir na definição e promoção da “auto-estima” na identidade Macaense como forma de garantir a valorização do nosso

património material e imaterial. A proposta de criação de uma equipa multidisciplinar num departamento dinâmico e pro-activo, com um modelo de gestão próprio responsável pela comunicação entre as diversas entidades responsáveis pelo ordenamento do território e pela promoção de um plano de gestão territorial integrado, capaz de garantir a manutenção da classificação d’O Centro Histórico de Macau como Património Mundial. [Autora: Filomena Vicente, pp. 28-44]

O Poder do Fraco na Construção do Lugar: Acupunctura e Outras Terapias para Macau

A globalização, o crescimento urbano acelerado, o aumento da mobilidade e da conectividade virtual, e a resultante redução da atenção ao ambiente físico põem em risco o nosso relacionamento com pessoas e lugares que costumavam ser importantes para nós. Como resultado, perdemos-nos no processo de adaptação ao ambiente urbano, sentindo-nos cada vez mais desenraizados, e tentamos a sua adaptação ao invés, levantando o problema da ligação entre a construção do lugar e a conservação do património. Este fenómeno é particularmente agudo no Delta do Rio das Pérolas, que abriga a mais rápida e extensa urbanização contínua do mundo. Além disso, a população urbana da região está confinada a apenas 10 por cento do seu território, tornando a ocupação extremamente densa. Este crescimento rápido e desigual é um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade chinesa e põe em causa os modos tradicionais de planeamento de cidades, gerando a necessidade urgente de estratégias alternativas. Assumindo que a construção do lugar tem uma forte base afectiva, este artigo estuda o afecto na experiência do espaço público para identificar as qualidades arquitectónicas que mais contribuem para a ligação ao lugar. A pesquisa combina noções de arquitectura, fenomenologia, psicologia e neurociências a fim de investigar

RESUMOS

ABSTRACTS

os processos associados à percepção e codificação de pistas espaciais que induzem a ligação ao lugar e uma melhor utilização do espaço público. A hipótese de trabalho parte das noções de ‘arquitectura fraca’ e ‘acupunctura urbana’ como meios para facilitar a ligação ao lugar, poupando recursos. A análise é baseada no estudo de caso de uma intervenção em Hong Kong e alguns outros exemplos de Taipé e Macau.
[Autor: Diogo Teixeira, pp. 45-71]

Arquitectura em Divagação: Manuel Vicente em Macau
É possível divagar como arquitecto? Talvez uma chave de leitura da obra de Manuel Vicente seja essa de uma divagação esculpida em inúmeros edifícios que vão retomando uma narrativa interrompida.

Mesmo que MV não esteja interessado num projecto de “fusão”, a verdade é que a hibridez genética de Macau lhe assentou como uma segunda pele. Talvez até mais do que isso. Embora não procurado ou forçado conceptualmente, este encontro acontece. E é fora de um quadro “ocidental” que a obra de MV pode ser entendida. Os seus últimos projectos são já muito tomados por uma filiação que teremos de descrever como macaense. Mesmo que sem o propósito de um oportunismo conceptual, a arquitectura intersticial de MV vive da lógica intersticial de Macau, isto é, dos meandros de um tecido denso que pretende densificar e intensificar. A certa altura, talvez fantasie com a ideia de uma arquitectura espectral que apenas potencie a vida. Aquilo que acontece hoje é que Macau está a apoderar-se dessas estruturas: ou apagando-as, ou eclipsando a sua notoriedade ou, apesar de tudo, mantendo-as a funcionar. As obras de MV são pequenas máquinas habitadas que estão a ser engolidas ou integradas pelo corpo em permanente mutação de Macau. De qualquer modo, os Bombeiros da Areia Preta parecem-me já uma obra de um arquitecto asiático, com pequenos episódios “ocidentais”, uma linguagem já local. Nestes últimos desenhos de MV, o “ocidente” é já uma referência

distante, quase livresca, e Macau o corpo definitivo da divagação.
[Autor: Jorge Figueira, pp. 72-83]

Activismo e Projecto no Contexto de Macau: Sobrepondo Valores à Intenção em Arquitectura
As primeiras incursões no Oriente por parte de intelectuais modernos europeus no início do século xx, desde Hermann Hesse, Bruno Taut, Pierre Jeanneret entre outros, desde a Índia até ao Japão, tiveram um impacto significativo em determinados desenvolvimentos da arquitectura modernista. O facto de ter havido uma mudança de paradigma desde o Neoclássico, juntamente com a crença na democratização da tecnologia e a estética industrial, e a sua expansão, através dos impérios coloniais, levou a um novo sistema simbólico de expressão em arquitectura.

É à luz de todos estes eventos que a Escola Portuguesa de Macau (também conhecida como Escola Pedro Nolasco ou Escola Comercial), concebida pelo mestre português Raúl Chorão Ramalho é um edifício signficante. Contém todas estas questões culturais e civilizacionais no seu estado primitivo e relaciona-se com elas de forma criativa. Reflecte o conflito do discurso do século xx, tentando reinventar um lugar para a arquitectura através do manuseamento da luz, planta livre, orientação, ventilação natural, proporção e submissão a um sistema total de ordem e universalismo. O edifício está em risco de demolição desde 2003. Num pequeno artigo que publiquei na revista da Associação de Arquitectos – Arquitectura Macau – em 2007, que intitulei “Jornada a Este”, em referência ao romance mitológico, onde procurei exprimir o que o edifício representa para Macau e para a historiografia da arquitectura do Movimento Moderno e a sua transmigração, nomeadamente do efeito fenomenológico de termos este artefacto modernista, produzido pela *inteligenza* portuguesa e implantado em solo chinês. No artigo propõe-se narrar o meu envolvimento na protecção deste monumento moderno de significado

transnacional e cultural, durante um período de dez anos, num processo de Activismo e Projecto, começando com a publicação de artigos, a elaboração de abaixo-assinados e o projecto que desenhámos para o interior de um dos pátios da escola, inserido no complexo Modernista, que culminou com a atribuição do prémio UNESCO para Inovação em contextos históricos, em 2012, e de como esta série de acções construíram a defesa de uma causa pública de protecção do edifício.
[Autor: Rui Leão, pp. 84-91]

Macau: 9 Entrevistas e o Contexto *eXistenZ* da Incerteza
Num mundo onde a tecnologia, o espectáculo e o excesso parecem eclipsar antigos conceitos da arquitetura, do indivíduo e da sociedade, quais são as características actuais de Macau enquanto cidade? Se existe algum consenso, é o de que o que está a acontecer em, e a Macau, interessa, porque este nível de transformação nunca foi visto ou tentado antes. E, se nisso existe uma espécie de beleza terrível, em termos de escala e alcance, ninguém sabe ao certo como tudo acabará e que impacto terá sobre o futuro dos cidadãos de Macau.

Macau: O Contexto Existente da Incerteza fornece uma visão abrangente das mudanças sociais, territoriais e culturais que assolaram Macau nas últimas décadas. Este ensaio reúne excertos de 9 entrevistas realizadas entre Junho de 2013 e Novembro de 2014. Trata essencialmente de arquitectura e de arquitectos, remete para as memórias, as experiências, as fronteiras e os trânsitos daqueles que habitam Macau. O título deste ensaio pretende aludir ao contexto de incerteza que paira sobre o futuro de Macau mas também à mistura de estilos, na fantasia desenfreada, no exotismo e na ousadia que caracterizam o tecido urbano do território. A relevância do projecto passa por analisar o tempo da nossa condição contemporânea, lançando a partir de Macau, olhares reflexivos acerca dos desafios que a vida urbana moderna em Macau supõe.
[Autor: Tiago Saldanha Quadros, pp. 92-103]

Das Casas de Câmara e Cadeia ao Leal Senado de Macau: Um Percurso de ReciproCidades
Este artigo tem como objectivo a análise das tipologias arquitectónicas dos paços concelhios no decorrer dos séculos xiv a xviii, e identifica os traços comuns dos edifícios que, em Portugal, desempenhavam tarefas ligadas à gestão municipal, destacando os modelos utilizados na gestão de territórios cuja dimensão e distanciamento iam introduzindo uma crescente complexidade no sistema administrativo. Mais tarde, no período do Renascimento e no contexto de uma sociedade mais complexa, culta e exigente, ao edifício dos Paços do Concelho vai juntar-se uma Praça, que se torna um elemento importante no modelo do controlo territorial e na gestão da “Imagem do Poder”, pois era relevante que os dirigentes locais – os vereadores – avistassem a multidão que os escutava e nesse mesmo acto fossem vistos como representações do poder. Assim, iremos abordar a questão das Praças ou Largos Municipais que, em conjunto com os edifícios camarários, maximizavam a simbologia do poder local, passando a ser incluídas de forma “disciplinada” nos novos planeamentos urbanos do século xvi, com especial relevo no caso do Brasil, em que passaram a ser pilares da sociedade local. Por último iremos analisar o caso do Edifício do Leal Senado e Praça do mesmo nome, em Macau, que ilustram de forma evidente os conceitos adoptados em Portugal e nas antigas colónias, demonstrando um “dispositivo” local de gestão territorial que, ainda hoje, passados 500 anos, encontra eco e justificação.
[Autora: Maria José de Freitas, pp. 104-123]

O Património Industrial de Macau (até 1999). Estudo das Fábricas de Panchões
Remontando à dinastia Han (206 a.C.– 220 d.C.), os panchões são um elemento central da cultura, religião tradicional e quotidiano na China. Macau não foge a essa tradição, assumindo-se como um dos

polos históricos da produção deste artefacto da milenar arte da pirotecnia oriental. O conceito é chinês, mas o termo é de matriz de Macau, onde assume particularidades, não apenas na produção, fábricas e técnicas, mas também no *branding*, comércio e uso. Neologismo do termo chinês *bianpao* (“cartucho de pólvora revestido de papel”), ou *pau-tcheong*, surge no patuá macaense como *panchá*o, foguete usado nas festividades, particularmente no Ano Novo Chinês. Mas não apenas no Ano Novo Lunar – o ruído da explosão serve para afastar um monstro, Nian, que mata gentes e gados nesses dias festivos, ou para acordar o dragão benfazejo), mas em todo o ano, em festivais ou simples idas aos templos de Macau, ao contrário da China continental, onde é só usado nas épocas festivas. Muitas foram as fábricas e marcas que se instalaram no território desde fins de Oitocentos até fins do século xx, com destaque para a Iec Long, na Taipá.
[Autor: Vítor Teixeira, pp. 124-135]

Vida e Morte das Casas de Vuelas de Xangai: Repensar Comunidade e Preservação Histórica
A partir do final do século xix e até ao primeiro semestre da era comunista de Mao, a maioria dos residentes em Xangai vivia em casas tradicionais de vuelas chamadas *lilong* (lit. “bairros de ruelas” de Macau) ou *longtang* (lit. “pátio de vizinhança”). Em Xangai, estas casas eram essencialmente réplicas das casas geminadas das cidades europeias, de construção económica e espacialmente eficientes, que as potências estrangeiras em Xangai estabeleceram como tipo dominante de residência nas áreas de concessão durante o período de semi-colonização da cidade (1842-1949). Com o advento das reformas económicas e consequente abertura no início de 1980, as *lilong* deixaram de ser considerados a forma mais económica de habitação e, por isso, têm sido arrasadas a um ritmo vertiginoso. Em Xangai, onde novos prédios estão a ser construídos, para servir uma das maiores metrópoles do mundo, as *lilong* são cada vez mais encaradas como estruturas obsoletas; portanto, a maior

parte tem sido votada à ruína por falta de manutenção. A história da arquitectura de Xangai está imbuída da história de múltiplas representações estilísticas ocidentais. Embora sejam cada vez mais raras as casas *lilong* em bom estado na cidade, o esforço dos conservacionistas locais tem ajudado a manter algumas delas intactas como “monumentos do passado”. No entanto, a fim de as posicionar no presente económico, têm sido gradualmente remodeladas (ou em alguns casos, reconstruídas) para servir uma série de novos efeitos, por exemplo, como empresas comerciais e de varejo. Partindo do caso de Xangai, com o qual ambos os autores, pesquisadores e urbanistas, estão familiarizados enquanto residentes de longa duração, iremos abordarmos a preservação histórica orientada em torno da ideia de meios de subsistência e economia local liderada pelo *magnum opus* clássico sobre estudos urbanos de Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (1961). Além disso, discutiremos ideias de urbanistas contemporâneos como Charles Montgomery e Edward Glaeser na forma como o património arquitectónico e desenho urbano podem desempenhar um papel sério na melhoria não só das características urbanas, mas também da qualidade de vida dos habitantes da cidade. Duas ideias fundamentais – “preservação em grupo” e “diversificação do meio” – estarão no centro da nossa análise, juntamente com métodos práticos de implementação além Xangai.
[Autores: Non Arkarapraserktul e Matthew Williams, pp. 136-150]